

AMBULANTES DO LARGO 13

Bettina Duarte Monteiro *

Rosimeire Guidoni**

Tânia Barbosa Andreatta***



Foto: Bettina D. Monteiro

Largo 13 de Maio, São Paulo. De início, uma confusão assustadora. Vozerio, música alta, gente andando rapidamente, ônibus, um moleque passa correndo. Seguro a bolsa com mais força. Alguém grita "a polícia!". Puxo a bolsa mais perto do corpo. Não acontece nada. Vou andando no meio da multidão. Trombo no sujeito da frente, que pára olhando algo, resmungando e continua-

mos. Servindo de moldura a tudo isso, as barracas. Dezenas. Oferecendo de tudo: artigos eletroeletrônicos, importados, calcinhas, comes, bebes, roupas, jogos ilegais, brinquedos, bolsas. Uma profusão de sons e imagens.

Devagar, percebo que a aparente caoticidade possui ordenação interna, lógica própria, num espaço quase completamente voltado para o trabalho. Movimentando grande quantidade de dinheiro -

todos os dias -, misturando economia formal e informal nem sempre harmonicamente, o Largo vai se delineando. As mercadorias são as mesmas no quiosque montado pela prefeitura, ou na barraca improvisada, coberta de plástico amarelo e furado.

Deixo de olhar as mercadorias para olhar os vendedores. São ex-faxineiras, ex-garçons, ex-operários, ex-profissionais liberais: desempregados. Aquele que não foi marreteiro a vida inteira é um ex-qualquer coisa. Atualmente no mercado de reserva, faz bicos para sobreviver.

Cercando: as lojas. Obscurecidas pelas barracas. O comércio tradicional declara verdadeiras guerras aos ambulantes na vã esperança de empurrá-los para longe. Na luta pelo espaço, as lojas tentam dirimir a "concorrência desleal" e os ambulantes tentam resistir. Neste shopping center a céu aberto, ninguém ganha a guerra.

Quem são os ambulantes? Quem são esses comerciantes informais que resistem à formalidade do modo capitalista de produção? Qual sua relação com o grupo e com outros grupos? Qual o pedaço do ambulante?

O que esse estudo pretende, na medida do possível, é dar um pouco de luz a estas questões.

O Pedaço Conquistado

Cidade de São Paulo. No meio do bairro

de Santo Amaro, uma confluência: o Largo 13. Através dele, centenas de pessoas circulam, da periferia ao centro e vice-versa. Dele, partem e chegam ônibus, trens e carros. Nele, a administração Luiza Erundina cadastrou ambulantes e instalou quiosques fixos e padronizados para o comércio. Nele, ambulantes de toda a cidade montam barracas clandestinas.

Antes oriundos das regiões Norte e Nordeste do país, hoje são principalmente os desempregados da indústria e do comércio paulista que compõem o universo dos marreteiros. De acordo com a última pesquisa do IBGE, cerca de 14 milhões de trabalhadores por conta própria ou sem carteira de trabalho assinada atuam nas principais regiões metropolitanas do país. A Fundação SEADE estima que só em São Paulo 46% da mão-de-obra do setor privado está na informalidade. Segundo pesquisa do IBOPE, realizada no final de 91 a pedido da Associação Comercial de São Paulo, mais da metade dos ambulantes que circulam pelas ruas, calçadas e cruzamentos da cidade já foram no passado trabalhadores assalariados da indústria (42%) ou do comércio (15%).

O desemprego, aliado à benevolência da administração petista e ao intenso fluxo de consumidores potenciais pelo Largo 13, contribuiu para a consolidação do espaço. "Perdi meu emprego, e a única coisa que consegui foi trabalhar aqui, com meu tio. A prefeita liberou, né?", diz Cláudio Campos, 20 anos, ex-operador de computadores.

As ruas estreitas que margeiam o Largo são fechadas para o trânsito de veículos, mas não comportam esta invasão. O Largo é voltado para a visão do passante. Em geral, de baixa renda, ele é atraído por estas mercadorias baratas que roubam, muitas vezes, os clientes das lojas. São comuns conflitos entre lojistas e ambulantes. Alguns lojistas montam barracas na sua frente e desovam mercadorias no caixa dois. Outra resistência.

Os ambulantes se espalham pelo Largo. Formam espaços distintos nesta ocupação. Um primeiro espaço é misto, encontra-se de tudo: eletroeletrônicos, brinquedos, roupas e acessórios, alimentos e ervas. É o espaço central, no final da Av. Adolfo Pinheiro, passando pelo início da Barão de



Foto: Bettina D. Monteiro

Duprat, Sen. Flaquer, Des. Bandeira de Mello, Sen. Dantas e Sen. José Bonifácio. Mulheres e homens ocupam esse espaço. É a área de maior circulação de pedestres, possui os melhores pontos de venda. Nela estão instalados os quiosques da prefeitura.

O segundo espaço é o popularmente conhecido como "rua das mulheres": é a rua Cap. Tiago Luz. Nela encontram-se artigos predominantemente femininos (roupas, bijuterias, bolsas, produtos de beleza, lingerie, roupas infantis, etc.). Os vendedores, na maioria mulheres, brigam por espaços mais próximos ao Largo.

O terceiro é o espaço dos homens. À esquerda do Largo estão os jogos ilegais, as barracas de bebida, os artigos masculinos. O alerta é sempre presente: a polícia ronda. Porém, o jogo pesado é montado mesmo nos fins-de-semana. São donos destas bancas os biqueiros - trabalham durante a semana e faturam algum no fim. Há mais mulheres neste espaço que homens no espaço delas.

O Peregrino

"A gente só pára quando resolve se dar um feriado." diz José, 43 anos, ambulante há 25.

Há principalmente dois grupos de ambulantes. O primeiro é do ambulante "pro-

fissional": aquele que sempre exerceu esta profissão. A origem primeira é o Nordeste. Possui cadastro na prefeitura, portanto paga impostos. Pertence a alguma associação de classe ou ao sindicato. Pela sua trajetória de experiências, é o que mais fatura com a atividade. Sabe o quê, quando e onde vender. Sem intenção de voltar à cidade de origem, encontra-se totalmente integrado à profissão e aos companheiros de trabalho. Maria da Graça tem 53 anos, deixou a família no Ceará, onde trabalhou por mais de 20 anos, e veio para São Paulo há um, em busca de melhores condições de vida: "Em todo canto tem crise, mas no Ceará é pior que aqui. Lá não tem dinheiro."

A maior parte desses trabalhadores é dona das barracas em que trabalha e ainda possui outras para membros da família. Cria-se um sistema familiar de trabalho. Os parentes revezam-se como vendedores nos quiosques e como compradores de atacadistas, de fábricas de fundo de quintal ou do Paraguai.

O outro grupo é do ambulante "temporário". Ele exerceu outra profissão e já foi ambulante anteriormente. Hoje, é marreteiro por falta de opção. Alguns se consideram temporariamente nesta profissão, há anos. Outros desistiram da antiga profissão: "melhor que depender de salário mínimo.", diz Raimundo, 26 anos,

ambulante há 3, ex-garçon. São principalmente nordestinos. Alguns pensam em voltar, outros não. Nem sempre possuem barraca: trabalham por comissão ou salário fixo. Menos experientes, já perderam tudo no Paraguai ou nas investidas da fiscalização da prefeitura, pois nem sempre são cadastrados. Mais de um membro da família pode trabalhar na barraca. Não conhece o sindicato ou as associações. Não pertence ao espaço: “nosso relacionamento é ótimo, eles na casa deles e eu na minha.”, diz Estevão, 40 anos, ambulante há 3, ex-maitre. O relacionamento amigável no trabalho não se estende as casas: “Sou amigo de todo mundo aqui, mas me dou melhor com gente do meu bairro”, diz Edgard, 31 anos, ambulante há 2, ex-operário.

Permeando os grupos, há as crianças. O número cresce a cada dia. Trazidas pelas mãos de parentes, param de estudar muito cedo, para ajudar na marreta. Trabalham pelo menos 12 horas, às vezes se alimentam pela manhã e depois, somente à noite. Geralmente não são remuneradas.

O Ponto e o Outro

“Quanto mais marreteiro, melhor. Tem lugar para todo mundo.”, diz Edgard. Licenciados não se importam com o espaço ocupado pelos clandestinos. Eles não escolhem seus pontos (determinados pela prefeitura), mas podem dirigir-se a outros de maior movimento de pedestres. É comum a prática mista: quiosques mais barracas estratégicas.

Os clandestinos escolhem seus locais em função do movimento e da proximidade da residência. Todos os entrevistados moram perto do Largo 13. “De manhã mesmo, ponho a caixa na cabeça e venho”, diz José, 43 anos, ambulante há 25. Vêm a pé ou com apenas uma condução.

Ambulantes têm relacionamento regrado com a polícia e com a fiscalização: o pagamento da propra (“bola”) é prática comum, mesmo entre os licenciados. Varia de acordo com o valor dos abjetos vendidos. “A gente dá um cafezinho se quiser, quando não tem, eles não dizem nada”, diz Maria da Graça. O relacionamento aperta com as bancas de jogo: se o ambulante não fugir, a taxa da “bola”

será maior. “A polícia não mexe com a gente, não. Só com o pessoal do jogo.”, diz Iris, 21 anos.

Há regras também na relação com trombadinhas: “Eles não mexem com a gente, a gente não mexe com eles.”, diz um homem que não se identificou, 32 anos, ex-manobrista. Os trombadinhas agem sobre os transeuntes. “A gente ouve falar que eles pegam nas lojas, mas o normal é o povo passar aí xingando, bolsa rasgada de estilete.”, diz João, 14 anos, ambulante há 3. Luís, 14 anos, ambulante há 2, define o relacionamento com os trombadinhas: “Normal”.

Às vésperas das eleições municipais de 92, a grande maioria dos ambulantes, clandestinos ou licenciados, pretendia votar no candidato do PT, Suplicy. Acreditava que a entrada de Paulo Maluf significaria volta da perseguição aos marreteiros. “Dessa vez não votei, mas não queria o Maluf não. Diz que se ganhar vai tirar todo mundo daqui.”, afirma Maria da Graça.

Conclusão

Na introdução, formulamos três questões básicas. Não pretendíamos respondê-las categoricamente, somente dar-lhes um pouco de luz. Da questão do *pedaço* do ambulante, concluímos que é a rua. O

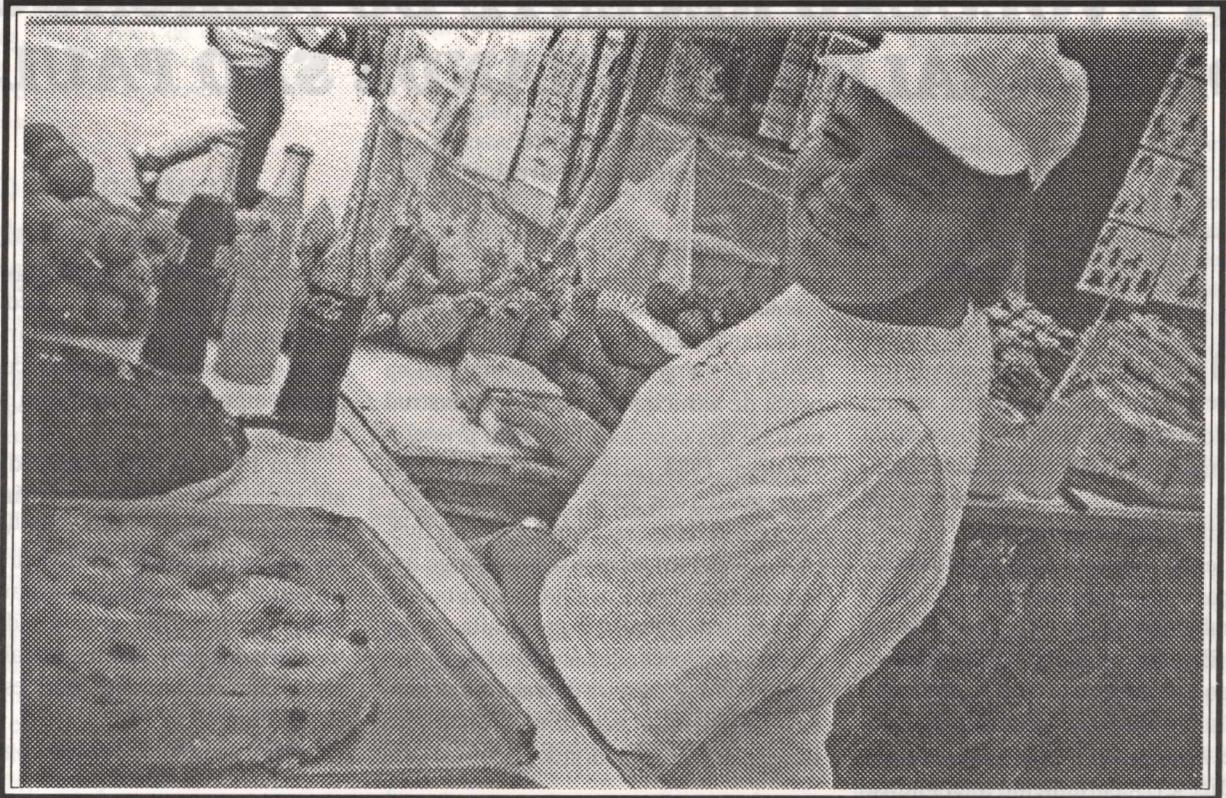
palco das batalhas mais difíceis, com regras rígidas: “Se você não paga a bola, eles (os fiscais) vêm à noite aos quiosques, arrombam e levam tudo.” diz Cláudio. Regras rígidas apesar da flexibilidade com que os órgãos da administração petista trataram a questão: “A prefeitura abriu este espaço pra gente”, diz José; “A Erundina ajudou aceitando nosso trabalho.”, diz Edgard. “Aqui é onde a gente ganha, trabalhando. Se a gente tiver que sair, vai aumentar o número de ladrões”, afirma Maria da Graça.

A rua é o campo de contato: entre as regras das bolas, a divergência com as lojas (“Pra quem trabalha na frente da loja sempre tem desentendimento, porque tapa a visão da loja”, diz Cláudio.), e o assédio aos compradores. Nos fins-de-semana o pedaço se torna também um espaço de lazer. Nem tanto para o ambulante - embora a maioria não deixe de beber uma cervejinha na própria banca - mas para o transeunte, que durante a semana tem ali um canal obrigatório de passagem, e no fim-de-semana busca este pedaço como o indivíduo que busca o espaço do shopping center. É um pedaço de rua que vira shopping center a céu aberto.

Referente ao relacionamento interpessoal, percebemos duas visões de mundo, no mesmo grupo: o ambulante que



Foto: Bettina D. Monteiro



se assume no espaço e o que não. No primeiro caso, há uma integração com o espaço. São os ambulantes mais antigos, aqueles que chamamos de profissionais. No Largo, todos os ambulantes convivem bem, mas a integração não acontece no segundo caso. Entre os ambulantes mais "novos" na rua, o relacionamento é amigável mas superficial: "tem que ser educado com eles e com todos os fregueses", diz Raimundo, demonstrando que a horizontalização das relações sociais observadas no primeiro grupo não se repete no segundo. No primeiro caso, há amizade e harmonia. Mais do que se identificarem como categoria, eles se identificam como unidade de relação social. No segundo, há uma identidade apenas como categoria de trabalho (para isso a política da boa vizinhança). Estevão extremou: "Minhas amizades são sempre boas amizades. Conservo as mesmas de antigamente. Porque se você se encosta numa pessoa dum nível melhor, você tem condições de subir na vida. Se você se encostar num pau que não tem sombra, quando chegar o sol, você fica no sol."

Finalmente, quanto à questão da **identidade**, podemos dizer que os ambulantes

são produtos da crise do sistema capitalista em vigor. Em muitos dos casos ocupavam o que se convencionou chamar de subemprego. Com o desemprego, a atividade "ambulante" surge como uma saída amargosa, e acaba por se mostrar mais vantajosa financeiramente que a ocupação anterior.

Entretanto, pretendemos elucidar que esta vantagem é apenas financeira, ao contrário do que pensa o senso comum. Este homem não é um vagabundo que, para não trabalhar, fica vendendo sentado confortavelmente numa banca, tirando a clientela dos "pobres" lojistas e impedindo o trânsito de pedestres. "Ante o problema do desemprego a sociedade reage de modo variado, conforme diagnóstico que se faz das causas do desemprego. Quando se pensa que os desempregados o são porque não desejam trabalhar, o sistema aperfeiçoa as formas de repressão à vadiagem, por leis repressivas ao próprio desemprego." (ALBORNOZ, S., 1988, pg. 82). É hora de desmistificar essa idéia. Afastado da família, sem tempo para o lazer, o marreteiro está mais para o labor que para o trabalho propriamente dito. Ficar na rua doze, quatorze horas por dia,

de domingo a domingo, debaixo do sol e da chuva não pode ser considerada exatamente uma recreação. "Eu trabalho das sete horas da manhã até às oito e meia, nove da noite todo dia, de domingo a domingo. Dia como hoje, eu devia estar em casa descansando com a minha esposa, com meu filho, ela até briga comigo às vezes(...) eu preciso correr atrás da grana, do prejuízo que já levei na vida! Tenho que trabalhar bastante pra recuperar o que perdi", diz Raimundo, 26 anos, ex-garçon. Ou diz Edgard: "Eu tenho dois filhos, tenho que sobreviver, ficar parado não dá". Sobrevivência parece ser a palavra de ordem.

(Este artigo é fruto de um trabalho desenvolvido para a disciplina **A Pesquisa Antropológica no Contexto Urbano**, no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo.)

* Bettina D. Monteiro é jornalista e bacharel em Ciências Sociais.

** Rosemeire Guidoni é jornalista e estudante em Ciências Sociais.

*** Tânia B. Andreatta é bacharel em Ciências Sociais.